



GT 62. Novos conservadorismos, populismos e liberalismos: perspectivas etnográficas

Coordenador(es):

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Piero de Camargo Leirner (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

A presente década tem sido marcada pela ascensão de lideranças políticas representando a chamada extrema ou nova direita, alt-right, entre outras denominações. É o caso de Donald Trump, nos Estados Unidos, e de Jair Bolsonaro, no Brasil. Esses atores têm realizado investidas no debate público, intensificando controvérsias e desafiando noções e categorias já canonizadas na epistemologia científica, política, social, filosófica e econômica, tais como “direitos” e “democracia”. Na literatura antropológica e de áreas afins, assim como na esfera pública mais ampla, esses processos têm sido abordados através das chaves analíticas dos “novos” conservadorismos, populismos e liberalismos, em autores como Jean e John Comaroff, Loic Wacquant, Wendy Brown, Melinda Cooper, Philip Mirowski, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Judith Butler, Veena Das, Achille Mbembe, Bruno Latour, Nancy Fraser. O GT pretende oferecer um fórum para discussão de pesquisas antropológicas que vêm abordando essa constelação a partir de múltiplos ângulos, incluindo, mas não se limitando a: novas direitas, bolsonarismo, lavajatismo, cultura neoliberal, intervencionismo militar, terraplanismo, comunicação e mídias digitais, movimentos sociais, novas formas de ativismos, conservadorismo religioso, fake news e pós-verdade. Procuramos preferencialmente trabalhos de cunho etnográfico realizados no Brasil, ou em perspectiva comparada, mas consideraremos também pesquisas de outras ordens, e realizadas em outros países.

Saindo da “bolha digital”? Novas formas de publicização do terraplanismo no Brasil

Autoria: Jorge Garcia de Holanda (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

A circulação de informações relativas à defesa de que a Terra é não um globo? ou um esferoide oblato, tal como definida pela ciência?, mas uma estrutura plana e limitada por um domo que contém o Sol e a Lua ganha força no Brasil desde o ano de 2015. Alguns dos terraplanistas que hoje produzem vídeos com milhares de visualizações no YouTube remontam a esse ano como a data na qual iniciaram seus contatos (através de vídeos de terraplanistas norte-americanos postados nesse mesmo site e de grupos de Facebook) com esse tipo de modelo? que, não se limitando a se opor à autoridade científica e à afirmação de que a Terra é um globo, redesenha todo o universo e diversos conceitos científicos outrora estabilizados. Se o terraplanismo vem ganhando expressão no debate público nos últimos anos como um fenômeno da internet, alguns esforços de “sair da bolha digital”, como dizem alguns terraplanistas, podem ser vistos, especialmente em 2019, quando, além da publicação de uma revista, inauguração de um bar temático e participação em programas de rádio e televisão, foi realizada? em consonância com iniciativas semelhantes em outros países? a primeira convenção brasileira da Terra plana, a Flat Con. Nesse work, busco discutir alguns aspectos relativos à organização e à realização desse evento que apontam para os modos como os defensores da Terra plana constroem públicos e contrapúblicos e formatam discursiva e materialmente esse debate no espaço público (Warren, 2002; Giumbelli, 2018; Meyer, 2011; Cefai, 2017; Engelke, 2013). Além disso, busco apontar situações relacionadas à convenção terraplanista que, ao buscarem produzir novas associações para além de suas mediações digitais, fazem com que essa? epistemologia alternativa emergente no campo do conservadorismo? (Cesarino, 2019, no prelo) negocie pragmaticamente suas fronteiras em relação às noções de religião, ciência e conspiração.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: